



# Drogas ilícitas como ameaça à vida: perscrutando as representações de estudantes universitários

Jefferson da Silva Moreira<sup>1</sup>  
Daniella Oliveira da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta resultados de pesquisa que teve por objetivo geral compreender e refletir sobre a relação entre o consumo de drogas ilícitas e a vida pelas representações de estudantes universitários. Com efeito, a seguinte questão subsidiou o estudo: quais as representações de universitários a respeito do consumo de drogas ilícitas e sua relação com a vida? Os dados foram coletados por meio de entrevistas narrativas, gravadas em aparelho eletrônico, e, posteriormente, transcritas. Os resultados apontam que as representações dos investigados variam no que se refere ao uso de drogas como uma ameaça à vida. Como possíveis soluções para o problema, destacam a criação de estratégias educativas que contribuam para reflexão sobre a temática no contexto da Educação Superior.

**Palavras-Chave:** Vida; Drogas; Representações sociais

**Illicit drugs as a life threat: scrutinizing the representations of university students**

**Abstract:** The article presents results of research that aimed to understand and reflect on the relationship between the consumption of illicit drugs and life by the representations of university students. In effect, the following question supported the study: what are the representations of university students regarding the consumption of illicit drugs and their relationship with life? Data were collected through narrative interviews, recorded on an electronic device, and later transcribed. The results show that the representations of those investigated vary with regard to the use of drugs as a threat to life. As possible solutions to the problem, they highlight the creation of educational strategies that contribute to reflection on the theme in the context of Higher Education.

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UEFS. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologias e Ciências (FTC). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Logoterapia e Análise Existencial aplicada à Educação (EDUCARE/UEFS). E-mail: moreirajefferson92@yahoo.com.br ORCID: 0000-0002-5918-7928.

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia/UEFS, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: daniellaosp@gmail.com. ORCID: 0000-0002-1910-426X.



**Keywords:** Life; Drugs; Social representations

## 1. Introdução

No cenário da sociedade brasileira atual, o consumo de drogas ilícitas pela população, sobretudo jovens, tem crescido nas últimas décadas. Trata-se do reflexo de uma conjuntura que tem atingido diversos países, conforme pode ser observado a seguir.

Informações contidas no Relatório Mundial sobre Drogas (2015), organizado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) indicam que cerca de 5% da população mundial nas faixas entre 15 e 64 anos (246 milhões de pessoas) usaram drogas ilícitas no ano de 2013. Tais dados causam preocupação devido às diversas consequências que o consumo de drogas ilícitas pode trazer para a vida em sociedade, e, conseqüentemente, para a convivência humana.

Mobilizados por esses desafios, empreendemos uma pesquisa que teve por objetivo compreender e refletir sobre as representações de estudantes universitários a respeito das drogas e sua relação com a vida. A investigação fez parte das atividades desenvolvidas no âmbito do componente curricular Educação Biocêntrica (EDU 341), do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). De acordo com o programa do referido componente, esta visa possibilitar aos estudantes a revisão de suas condutas e o desenvolvimento de aspectos socioafetivos e de respeito à vida, através de vivências e integrações das dimensões do ser humano.

Para Ribeiro e Carneiro (2006), a Educação Biocêntrica pode ser entendida como uma poética da cognição que visa possibilitar a formação de um ser humano centrado no desenvolvimento da paz e do reconhecimento teórico-prático da vida. É, portanto, uma educação pautada nos princípios do paradigma emergente, que tem como um dos seus princípios a visão holística da realidade e a sua dimensão complexa.

A partir de debates realizados no componente curricular supracitado sobre questões que atravessam a vida humana, e, conseqüentemente, a ameaçam, emergiu o desejo de perscrutar as representações de estudantes da Educação Superior sobre as drogas, e perceber de que modo as mesmas orientam a forma desses sujeitos explicarem e compreenderem a realidade. Para o desenvolvimento do estudo, elegemos a seguinte questão norteadora: quais as representações de estudantes universitários sobre drogas e vida?

A seguir, apresentamos o quadro teórico da pesquisa que está sustentado nos conceitos de vida (CAPRA, 1996, 2002; MAGULIS e SAGAN, 2002; RIBEIRO e ALMEIDA, 2006; TORO, 2014; entre outros); drogas ilícitas (SILVA, 2002; MARQUES e CRUZ, 2002) e representações sociais (ARRUDA, 2007; MOSCOVICI, 2007; JODELET, 2005).



## 2. O conceito de vida

O termo vida deriva do latim *vita*, possuindo o significado de existência. O Dicionário de Língua Portuguesa (2000, p. 958) conceitua esta palavra como “um conjunto de propriedades e qualidades responsáveis pelo funcionamento orgânico de animais e plantas”. Nesse sentido, falar em vida visivelmente se refere à expressão de um conjunto de elementos do sistema humano que possuem existência.

Capra (2002) desenvolveu uma compreensão sistêmica e unificada que integra as dimensões biológicas, cognitivas e sociais da vida, e demonstra que ela é, em todos os seus níveis, interligada por redes complexas. Ao considerar essencial a ideia de padrão de organização para explicar a vida, Capra (2002) demonstrou que todos os componentes dos sistemas vivos (organismos, partes de organismos ou comunidades de organismos) estão arranjados à maneira de rede. A função de cada um dos componentes dessa rede é a de transformar ou substituir outros componentes, de maneira que a rede como um todo se regenere continuamente.

Com efeito, é essa a chave da definição sistêmica da vida: as redes vivas criam ou recriam a si mesmas continuamente mediante a transformação ou a substituição dos seus componentes. Desse modo, sofrem mudanças estruturais contínuas ao mesmo tempo em que preservam seus padrões de organização que sempre se assemelham a teias (CAPRA, 2002).

Nesse sentido, o autor reconhece essa rede como o padrão geral da vida, sendo a não-linearidade uma das principais propriedades. Para Capra (1996), o padrão da vida é um padrão de rede capaz de auto-organização. Ressalta que a concepção de auto-organização se originou do reconhecimento da rede como o padrão geral da vida, posteriormente aprimorada por Maturana e Varela (1997 *apud* CAPRA 1996) em sua concepção de autopoiese.

De modo geral, as três características dos sistemas-auto-organizadores são a emergência espontânea de novas estruturas e de novas formas de comportamento em sistemas abertos, afastados do equilíbrio, caracterizados por laços de realimentação internos e descritos matematicamente por meio de equações não-lineares (CAPRA, 1996).

Constatamos que o padrão de organização determina as características essenciais de um sistema, isso é, determina se o sistema é vivo ou não-vivo. Nesse sentido, a autopoiesis (o padrão de organização dos sistemas vivos) é, pois, a característica que define a vida. Deste modo, para descobrir se um determinado sistema é vivo, basta saber se o seu padrão de organização é o de uma rede autopoietica (CAPRA, 1996). Ainda, a autopoiese ou "autocriação", é um padrão de rede no qual a função de cada componente consiste em participar da produção ou transformação dos outros componentes da rede.

A definição do sistema vivo como uma rede autopoietica significa que o fenômeno da vida tem de ser compreendido como uma propriedade do



sistema como um todo. Nas palavras de Pier Luigi *apud* Capra (2002), a vida não pode ser atribuída a nenhum componente molecular isolado (nem mesmo ao DNA ou ao RNA), mas somente a toda a rede metabólica delimitada.

Na teoria emergente dos sistemas vivos, o processo da vida é identificado com a cognição, isto é, o processo do conhecer. Essa nova concepção de mente foi desenvolvida por Gregory Bateson e por Humberto Maturana na década de 1960 (CAPRA, 1996). Nesta perspectiva, a mente não seria uma coisa, mas sim o próprio processo da vida. De acordo com Capra (1996), a vida e a cognição se tornam inseparavelmente ligadas, sendo o processo mental imanente na matéria em todos os níveis da vida. A nova concepção envolveu no processo de conhecer a percepção, a emoção e a ação, envolvendo também, no domínio humano, a linguagem, o pensamento conceitual e todos os outros atributos da consciência humana. Portanto, ainda segundo o autor, vida está entrelaçada. Todas as coisas estão interligadas e o ser humano é parte integral da teia da vida.

Já para Magulis e Sagan (2002), a vida é a representação, a “presentificação” de químicas passadas, de um ambiente pretérito da terra primitiva que, em virtude da vida, persiste na terra moderna. Segundo esses autores, a morte também faz parte da vida porque até a matéria agonizante, uma vez reproduzida, resgata complexos sistemas químicos e estruturas dissipativas florescentes do equilíbrio termodinâmico. Ou seja, a vida seria um eixo de crescente sensibilidade e complexidade, num universo de matéria-mãe que, comparada a ela, parece embotada e insensível. Magulis e Sagan (2002, p. 245) constataam que,

A vida é hoje um fenômeno fotossintético auto poético em escala planetária. Como transmutação química da luz solar, ela tenta exuberantemente espalhar-se, superar seu próprio tamanho. A vida se transforma para enfrentar as contingências de seu meio ambiente mutável e, ao fazê-lo, modifica esse meio ambiente. Aos poucos, o ambiente é absorvido nos processos vitais, tornando-se menos um pano de fundo estático e inanimado e passando a se assemelhar mais e mais a uma casa, um ninho ou uma concha – ou seja, uma parte implicada e construída de um ser orgânico.

Deste modo, a vida apresenta propriedades que transcendem os limites de indivíduos e espécies e tem implicações da máxima importância na época atual, de desenfreada e selvagem exploração ambiental, conforme apontam Magulis e Sagan (2002).

A concepção de vida trazida por Toro (2002) nos parece próxima das ideias dos autores anteriormente referenciados. Para Toro (2014), o criador do Princípio Biocêntrico, o universo existe porque existe vida, de modo que “os parâmetros de vida cósmica refletem o parâmetro do nosso estilo de vida” (p. 51). Quer dizer, o nosso estilo de vida pode contribuir para a organização da vida, ou, ao contrário, a destruição do universo. Portanto, a vida se encontra organizada em função da vida, ou seja, a natureza possui um



“propósito inteligível”, que “permite a inteligência humana descobrir relações sistêmicas na totalidade” (TORO, 2014, p. 21).

O Princípio Biocêntrico, isto é, “uma visão segundo a qual a vida seria o centro criador do universo, (TORO, 2014, P. 45) torna-se, portanto, um compromisso ético da humanidade. Uma proposta de ação. E a ação humana centrada na vida, afirma Toro (2014), implica amor, consciência ética, transmutação, criação. Quer dizer, envolve a ampliação de nossa consciência, o desenvolvimento da nossa inteligência afetiva, mediante uma Educação Biocêntrica, para que se possa formar outros cidadãos, outras criaturas que se comprometam com a vida em toda a sua forma de expressão: astros, plantas, animais, águas, rochas, incluindo a vida do ser humano. Ora, se fazemos parte do todo e se o todo nos contém, isso nos compromete a proteger a vida, a possibilitar a sua evolução, a reformular os nossos valores culturais e a celebrá-la a cada instante como um milagre, como algo sagrado.

Todavia, presenciamos, em nossa sociedade, além de outras formas de destruição da vida, aquelas que são consequência do sectarismo religioso, filosófico, social e político, em nome dos quais a vida de muitos inocentes tem sido ceifada. Os noticiários de todo o mundo têm noticiado os últimos atentados terroristas com bombas na França, Bélgica e Turquia, responsabilizados pelo grupo autodenominado “Estado Islâmico” como seus possíveis autores, o que têm espalhado o pânico à população e aprofundado as divisões entre os povos.

Diante desse quadro desolador, tudo leva a crer que Toro tem razão quando afirma: “A desconexão dos seres humanos da matriz cósmica da vida tem gerado, através da história, formas culturais destrutivas. A dissociação corpo-alma tem conduzido à profunda crise cultural em que vivemos” (TORO, 2014, p. 70).

Diante desse quadro desolador, temos que mudar urgentemente a nossa cultura anti-vida, cujo centro é econômico e transformar o nosso estilo de viver. Como assinala Moraes *apud* Ribeiro e Almeida (2006), viver a teia da vida implica aprender a conviver com o outro, a escutá-lo, a aceitá-lo, a compartilhar cuidado, carinho, atenção e afeto; implica, por fim, viver junto a potencialidade, a beleza, o encantamento e a magia que o universo nos oferece.

## **2.1 Drogas ilícitas no Brasil**

Na atualidade, o uso de drogas ilícitas constituiu uma séria e persistente ameaça à estabilidade das estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais de várias sociedades e, conseqüentemente, uma iminente ameaça à vida humana. Como destaca a Organização das Nações Unidas (ONU, 199, p. 1), o uso e o tráfico de drogas ilícitas são caracterizados como “uma séria ameaça à saúde e ao bem estar dos seres humanos que afeta adversamente as fundações econômicas, culturais e políticas da sociedade”.

O Brasil possui um Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre as





Drogas (SISNAD), instituído pela Lei n. 11.343, de 22 de agosto de 2006, em que prescreve medidas para prevenção ao uso indevido, a atenção e a reinserção social de usuários e dependentes de drogas. Além disso, o SISNAD estabelece normas de proibição à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas. Entretanto, temos visto que a iniciação do uso indevido de drogas ilícitas tem sido cada vez mais precoce no país, principalmente entre os jovens das camadas populares.

O sistema anteriormente mencionado tem como princípio básico a responsabilidade compartilhada entre Estado e sociedade, e adota a estratégia de cooperação mútua em todo território brasileiro, para a conscientização social sobre o grave problema representado pelo consumo de drogas ilícitas. De acordo com o Art. 1º, parágrafo único da Lei 11.343, é considerada droga substâncias ou produtos capazes de causar dependência, especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União. Já para a Secretaria Nacional Antidrogas (2015), droga é toda a substância que, introduzida em um organismo vivo, pode modificar uma ou mais de suas funções, ou mesmo atenuar o sofrimento psíquico, ou ainda proporcionar prazer, mesmo que temporário e artificial.

A literatura relata que essas substâncias são conhecidas desde a existência da humanidade, isto é, o uso de drogas é um fenômeno bastante antigo na história e, na contemporaneidade, se constitui um grave problema de saúde pública, com sérias implicações pessoais e sociais no futuro de jovens e de toda a sociedade.

No entanto, o uso indiscriminado dessas substâncias tornou ilícita sua produção e comercialização e, por consequência, seu consumo. Isto aconteceu em virtude dos danos à saúde dos usuários e, também, da sociedade, tendo em vista a difusão da criminalidade decorrente do comércio ilegal dessas substâncias. Desse modo, a ONU enfatiza que a dependência dessas substâncias constitui “um sério mal para o indivíduo e [...] um perigo social e econômico para a humanidade” (ONU, 1961, p. 1).

Constatamos, ainda, a partir da revisão da literatura, que o uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas pode ser considerado um dos principais problemas de saúde pública na sociedade atual. Dentre os diversos danos sociais relacionados ao consumo de drogas, Silva (2010) destaca os acidentes de trânsito, os prejuízos escolares e ocupacionais, assim como a violência, caracterizada pela ocorrência de brigas, homicídios e a prática de atos ilícitos, que pode ser ocasionada pelo efeito dessas substâncias. Além de todos esses agravantes, o consumo de drogas pode, ainda, proporcionar alterações físicas e mentais (GIL e MAYA. *et.al.* 2008 *apud* SILVA, 2010).

Para Marques e Cruz (2002), todas as substâncias psicoativas usadas de forma abusiva produzem aumento do risco de acidentes e da violência, por tornar mais frágeis os cuidados de autopreservação, já enfraquecidos entre adolescentes. Ainda segundo as autoras, os prejuízos provocados pelas drogas podem ser agudos (durante a intoxicação ou “overdose”) ou crônicos,



produzindo alterações mais duradouras e até irreversíveis.

Percebemos que muitos usuários utilizam as drogas em busca de algum tipo de prazer. Mas, o lado negativo do desejo de obter prazer com o uso de drogas é o risco que o usuário corre de se tornar dependente e comprometer a realização de tarefas normais do desenvolvimento; o cumprimento dos papéis sociais esperados; a aquisição de habilidades essenciais; a realização de um sentido de adequação e competência e a preparação apropriada para a transição ao próximo estágio na trajetória da vida: o adulto jovem (SCHENKER e MINAYO, 2005).

O uso de drogas ilícitas é uma questão complexa que perpassa inúmeros subsistemas da vida individual e social. Portanto, as representações e motivações que levam os indivíduos à adesão destas substâncias dependem do contexto sociocultural. Por isso, é preciso que o Estado priorize políticas preventivas, gerando projetos ajustados à realidade brasileira. Acreditamos, também, que uma Educação Biocêntrica possa contribuir para a formação de pessoas que reflitam sobre a vida, que a valorizem como um bem supremo, responsabilizando-as pela sua preservação e por ações que possam favorecê-la.

## **2.2 Representações sociais: uma teoria do senso comum**

A Teoria das Representações Sociais (TRS) teve origem na França, há mais de 50 anos, a partir da tese de doutoramento de Serge Moscovici<sup>3</sup>, que buscava a compreensão sobre o que acontecia quando um conhecimento científico penetrava no pensamento da população, transformando-se em senso comum.

Cabe realçar que conceituar representações sociais não é um elemento fácil, tendo em vista a complexidade que subjaz esse fenômeno. Nesse sentido, Moscovici (2007) afirmou que as representações são objetos quase palpáveis, circulantes no dia-a-dia, nos nossos gestos, nas comunicações e nas formas de nos relacionarmos com as pessoas. Porém, o psicólogo francês acreditava que apresentar uma definição fixa do seu conceito poderia criar reducionismos sobre um fenômeno flutuante e elástico.

Entretanto, isso não se constitui uma falha ou limitação da TRS, visto que outros colaboradores de Moscovici (2007), a exemplo de Jodelet (2005), Abric (2001) e Doise (2002) contribuíram com novas sistematizações, ampliando conceitos propostos pelo criador da teoria, sem, contudo, substituir as ideias e fundamentos da abordagem processual, mas complementando-a. Diante disso, podemos falar, atualmente, numa abordagem teórico-metodológico da TRS, que tem se mostrando um campo promissor para a explicação dos

---

<sup>3</sup> Psicólogo Francês que teve dentre os seus principais marcos a Teoria das Representações Sociais e a Psicologia das Minorias Ativas. Faleceu no dia 16 de Novembro de 2014, na França, aos 89 anos de idade.



fenômenos cotidianos da sociedade.

No que se refere ao conceito de representações sociais, a definição proposta por Jodelet (2005) tem sido reconhecida como uma das sistematizações mais utilizadas entre os pesquisadores da área. Para a autora, as representações sociais caracterizam-se por ser uma forma de conhecimento prático, socialmente elaborado pelos sujeitos sociais, dando significado às suas condutas e possibilitando-os compreenderem e explicarem a realidade em que estão inseridos. Além disso, as representações contribuem para a consolidação de uma realidade comum a um determinado grupo, permitindo a sua interação e comunicação sobre um determinado objeto (JODELET, 2005; ARRUDA, 2014).

Nesse sentido, as representações são conhecimentos práticos, verdadeiras “teorias do senso comum”, elaborados no contexto da cultura cotidiana dos diversos grupos, possibilitando que eles interajam e se comuniquem. Mas, isso não significa dizer que as representações sejam homogêneas e estáticas, pelo contrário, elas estão sempre em processo de ressignificação, movimento, sendo, também, elementos de conflitos nos diversos grupos, por isso elas são sociais e plurais.

Na perspectiva de Moscovici (2007), existem no contexto da sociedade contemporânea dois tipos de pensamentos opostos: o reificado e o consensual. No primeiro, originam-se os conhecimentos produzidos no âmbito da ciência e da erudição. Já no universo consensual há uma interpretação dos conhecimentos que se encontram no campo reificado, exigindo, assim, que os indivíduos mobilizem seus conhecimentos do senso comum para compreender e resolver os problemas encontrados no dia-a-dia.

Consideramos pertinente para o nosso estudo a apropriação do marco teórico das representações sociais que se centra na esfera dos conhecimentos corriqueiros, saberes do senso comum sobre um determinado objeto. Portanto, sua pertinência é relevante para a compreensão sobre o que pensam jovens-estudantes universitários sobre as drogas como ameaça à vida.

### **3. Metodologia**

Esta investigação é de natureza qualitativa do tipo descritiva. Minayo (1995, p. 21, 22) afirma que esse enfoque de pesquisa “[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Sendo assim, consideramos pertinente a sua aplicabilidade ao nosso estudo que visa compreender as representações de estudantes universitários sobre as drogas e sua relação com a vida.

Os colaboradores da investigação foram nove estudantes de cursos de graduação em Direito, Economia e Enfermagem de uma instituição de





Educação Superior pública do interior do Estado da Bahia, que se dispuseram, espontaneamente, a participar do estudo. Os depoimentos foram coletados por meio da realização de entrevistas narrativas. Cabe destacar que a entrevista narrativa busca encorajar os indivíduos a contarem a história sobre algum elemento importante da sua vida ou sobre o contexto social. Ela visa, também, “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2001, p.35).

A entrevista narrativa substitui a habitual utilização de perguntas e respostas, tão amplamente empregadas no campo das Ciências Humanas, conforme destacam Jovchelovitch e Bauer (2001). Segundo os autores, “o pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos” (p. 94). Assim, solicitamos aos sujeitos que expusessem oralmente o que viesse às suas memórias ao dizermos a frase “*drogas ilícitas como ameaça à vida*”.

Para a análise e interpretação do material empírico, nos apoiamos na técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977). A partir da leitura do material, procedemos ao levantamento de unidades de sentido nos depoimentos dos estudantes, buscando agrupá-las em categorias.

## 4. Análise de dados

Com base nos depoimentos dos sujeitos entrevistados, organizamos as seguintes categorias: a) As drogas como ameaça à vida; b) Consequências das drogas para a vida humana; c) Possíveis soluções para o enfrentamento às drogas. Tais dados serão analisados e apresentados a seguir.

### 4.1. As drogas como ameaça à vida

Ao analisarmos os depoimentos dos entrevistados, observamos que as representações sobre as drogas como ameaça à vida variam. Há aqueles que a consideram como uma forte ameaça à vida humana, evidenciando-a, ainda, como um dos grandes males para a juventude, na atualidade. Tais sentidos podem ser evidenciados nos excertos seguintes:

Hoje, o uso de **drogas ilícitas se constituiu como um dos piores males que afetam, principalmente, a juventude.** O uso das drogas **se constitui uma ameaça à vida humana** na medida em que provoca sérias doenças, muitas vezes incuráveis, a AIDS, por exemplo. Assim como na maioria dos casos, empurra o indivíduo, principalmente jovens, para ao mundo da criminalidade (Paula).

**Considero a droga um destruidor de vida** (Luciana).

**As drogas ameaçam a vida**, porque além sérios problemas do corpo e da mente, existe também **o distanciamento de amigos**



**e familiares dos indivíduos viciados** em entorpecentes que pode aumentar, ainda mais, o risco de depressão (Luís).

Nos discursos dos sujeitos entrevistados, fica claro a influência das drogas ilícitas como fatores de risco à vida dos indivíduos e da sociedade, como também o distanciamento dos indivíduos dos seus familiares e amigos, ou seja, as drogas abarcam, também, a dimensão afetiva dos seres humanos. Isolado, o indivíduo cada vez mais se afasta da possibilidade de criar vida.

Já para outra depoente, as drogas como uma ameaça à vida podem ser considerado um exagero, tendo em vista que o seu consumo perpassa por questões culturais e de valores pessoais. Sendo assim, Andréia afirma que o discurso moralista e retrógrado, defendido por muitos segmentos da sociedade não possibilita o avanço na discussão sobre a regulamentação das drogas. Ela conclui que o uso de drogas não é uma ameaça à vida. Vejamos o seu depoimento, a seguir:

[...] Acho um pouco exagerado considerar uma ameaça à vida humana o fácil acesso a substâncias entorpecentes /drogas/ alucinógenos, ou seja, lá como são chamados. O uso dessas substâncias, **além de ser uma questão particular, perpassa valores, cultura e faz parte da existência da humanidade.** Na minha avaliação, o discurso moralista e retrógrado defendido por determinados segmentos, não contribui em nada para o avanço da discussão desta temática. Vivemos em um Estado Democrático de direito e, desta forma, o direito individual de usar ou não deve ser preservado. Sou contra a criminalização de usuários e em alguns casos sou a favor da liberação. **Não acredito que o uso de drogas e o fácil acesso a elas constituam-se uma ameaça a vida humana** (Andréia).

De fato, o uso de drogas não é recente. Em várias culturas primitivas se fazia e ainda se faz uso de drogas enteogênicas para alterar o estado da consciência, com fins religiosos e medicinais.

Evidentemente, os povos primitivos não tinham a dimensão do futuro, visto que viviam apenas no agora. Segundo Nery Filho (2012), todavia, a vida ganha sentido com o reconhecimento da existência da morte. Ao reconhecer a dimensão temporal, o ser humano, em evolução, reconhece a sua finitude, reconhece-se mortal e as suas consequências para a vida.

Ainda sobre o discurso da participante Andréia, temos dúvidas em relação ao uso das drogas ser “uma coisa particular”. Afinal, o ser humano faz parte de um grupo social e os seus atos trazem consequências para uma coletividade. Muitos adolescentes, quando iniciam o uso dessas substâncias, nem sempre têm maturidade suficiente para fazer escolhas entre várias possibilidades para suas vidas.

Além dessas leituras, ao analisarmos o depoimento da participante, percebemos que a sua visão se constitui uma transgressão aos controles sociais instituídos pela Lei n. 11.343, de 22 de agosto de 2006, SISNAD, que estabelece regras e punições ao consumo de drogas ilícitas.



Contribuindo para a discussão, o estudo realizado por Gontíes e Araújo (2006), com estudantes universitários das áreas de Tecnologia, Jurídica e Saúde, acerca da legalização da maconha, aponta que estes se posicionaram desfavoráveis a tal proposta, problematizando as graves consequências acarretadas pelas drogas lícitas como o álcool, tabaco aos usuários destas substâncias psicoativas, visto que a legalização poderia aumentar o número de usuários e, conseqüentemente, danos para o usuário, família e a sociedade.

## 4.2. Consequências das drogas à vida humana

Nos depoimentos dos sujeitos entrevistados, as consequências das drogas se relacionam a questões de dependência psicológicas social. O depoimento de Luciana, a seguir, ainda destaca que as drogas podem trazer sofrimentos a esses sujeitos:

Mesmo sendo considerada **uma sensação agradável para quem consome**, as consequências são tão graves e provocam tanto sofrimento que acredito que nenhuma **pessoa ao iniciar o consumo de drogas tivesse total consciência dos efeitos negativos que estas iriam provocar no seu próprio organismo e nas suas relações com a sociedade**, embarcaria nessa viagem devastadora (Luciana).

O indivíduo que passa a fazer o uso das drogas, **sente o prazer no momento de êxtase, ao tornar-se viciado e quando não pode mais custear suas compras**, passará a vender seus bens e de sua família, alguns passam a roubar e até matar para conseguir o dinheiro (Patrícia).

[...] a utilização de substâncias que provocam alucinações **inevitavelmente terá um efeito negativo sobre as relações sociais** diárias que este indivíduo mantém em seu ciclo de convivência. Se extrapolarmos esse exemplo simples para um número maior de "usuários" torna-se visível que a forma como os seres humanos vivem e convivem em sociedade será modificada, possivelmente de maneira negativa à medida que avança no consumo de drogas alucinógenas (Pedro).

Nos discursos evidenciamos que muitos usuários de drogas desfrutam de um gozo difícil de ser abdicado, levando-os ao imperativo do consumo e às últimas consequências. Nesse sentido, ao buscar o gozo, o prazer supremo, o usuário, muitas vezes, se precipita em direção à criminalidade ou à morte.

Tudo indica que além de causar sofrimento ao usuário e à sua família, as drogas trazem consequências sociais para a vida. Ou seja, se um indivíduo sofre, traz consequências para o seu grupo social e para a sociedade como um todo. A vida deixa de ser uma hierofania, como propõe Toro.

## 4.3. Possíveis soluções para o enfrentamento às drogas

Na visão dos depoentes, as possíveis soluções para o enfrentamento



ao uso de drogas seria a criação de ações educativas que possibilitassem à população a reflexão sobre os seus malefícios e consequências. Indo ao encontro das propostas de Bastos (2003 apud Gontiés e Araújo, 2006) que enfatizam o uso da inteligência, da informação e de ações preventivas de controle e de tratamento, de forma a atuar com trabalhos de prevenção socioeducativa, para o combate às drogas. A influência da educação familiar e a participação em seminários e palestras são apontamentos indicados pelos sujeitos na configuração de estratégias que visem evitar o problema:

Para uma solução desse problema, **o mais adequado é um conjunto de ações educativas**. Mas não apenas educação no sentido escolar da palavra, e sim educação no sentido daquela que sai de casa, aquela que aprendemos com nossos pais, que vai desde respeitar os mais velhos até encarar os nossos problemas [...] e diante dessa educação todos os outros mecanismos de auxílio e amparo se tornariam mais efetivos e perenes na contenção das drogas na vida e sociedade (Marisa).

Em minha opinião, uma das possíveis soluções para esse problema visto que muitas das drogas são lícitas e de fácil circulação, **seria mais informações, palestras, seminários nas escolas ou em outras localidades**, que abordem assuntos como: as consequência tanto psíquica, física, social do uso das drogas, o que elas provocam no organismo, quais são os tipos; para que as pessoas fiquem atentas e informadas (Paula).

É importante **que as pessoas tenham conhecimentos e a consciência** que lhes permitam **compreender o quão é complexa** os riscos de consumo das drogas (Luciana).

Acho que a **solução como fórmula não existe**, mas é necessário, contudo, propor **intervenções de caráter formativo e educacional**, inclusive na Educação Infantil. Além, é claro, de iniciativas do Estado e organizações civis para **campanhas de prevenção** e discussão sobre o tema com jovens e crianças. (Felipe)

[...] **precisa educar**, mas também debater, discutir visando à **criação de uma consciência coletiva** no sentido de que falar em drogas não é somente falar em punição. É, também, falar em educação em educação no sentido mais amplo que esta palavra tem (Ricardo).

Destarte, notamos que as representações dos estudantes deixam antever que o combate às drogas é muito complexo, o que nos provoca à criação de ações amplas e profundas de intervenção que tenham a educação como elemento fundamental para que o combate às drogas possa ser efetivado. As representações, conforme nos esclarece Jodelet (2005), guiam as práticas e as formas dos indivíduos pensarem e se portarem diante de um determinado objeto. Assim, acreditamos na possibilidade de uma educação que possa mudar as representações e as práticas dos sujeitos sociais sobre o prazer, a ética e a vida, de modo a considerá-la sagrada e a desenvolverem ações para conservá-la. Assim, possivelmente, os usuários chegarão ao desejável autocontrole, isto



é:

Administrar seu uso em função dos ganhos e prejuízos que ele traz para sua existência. A ideia da existência de um autocontrole por parte do usuário não está atrelada à noção de um indivíduo isolado e independente do seu meio social, mas de uma concepção que entende o usuário como um sujeito capaz de avaliar os possíveis riscos e os danos envolvidos em sua prática. Essa concepção de sujeito está alinhada com os pressupostos da Redução de Danos, uma vez que esta enfatiza a capacidade decisória e a responsabilidade do usuário frente ao seu uso (GOMES, 2012, p. 374).

## 5. Considerações finais

Buscamos demonstrar, ao longo deste texto, as bases legais que dispõem sobre as drogas ilícitas no Brasil. Além disso, traçamos no quadro teórico um aprofundamento sobre os conceitos de vida e representações sociais que nos auxiliaram na compreensão dos depoimentos dos sujeitos da investigação.

De modo geral, podemos afirmar que as representações dos sujeitos variam: de um lado, há os que a consideram como um elemento nocivo à vida humana; do outro, há os que concebem o discurso moralista e retrógrado como um empecilho para atitudes mais eficazes, inclusive, na promoção da legalização das drogas, o que mostra que as representações sociais variam de acordo com os grupos sociais nos quais elas são geradas.

No que se refere às possíveis soluções, todos os sujeitos corroboram com a ideia de que a criação de estratégias educativas pode se constituir um elemento diferenciador na formação e promoção de reflexão aos indivíduos da sociedade.

No que tange às consequências das drogas à vida humana, fatores de natureza biológica, psicossocial e econômica apareceram nos discursos dos entrevistados como elementos que dificultam a vida do sujeito, podendo trazer danos pessoais e para a vida na sociedade.

Por fim, destacamos a necessidade de que discussões no âmbito universitário possam ser geradas, contribuindo para que os estudantes da educação superior reflitam sobre a problemática dos psicoativos na sociedade e as suas consequências para a vida. Uma educação que além da formação de profissionais voltados para o mercado de trabalho e para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, possam contribuir para a reflexão sobre uma ética que respeite a vida e, que, portanto, esteja comprometida com a busca de alternativas para gerar mais vida no planeta.

Nesse sentido, propomos que os currículos dos cursos superiores adotem princípios de Educação Biocêntrica e reverenciem a vida como a manifestação de uma hierofania, ou seja, a manifestação do sagrado. Assim, a Educação Biocêntrica, cujo fundamento é a defesa incondicional da vida em todas as suas expressões, pode-se configurar como um elemento de recuperação da humanidade na medida em que estimula o indivíduo a se vincular com a vida



a partir da intrínseca relação consigo, com seus pares e com o meio, de modo a oferecer ao ser humano uma revisão dos padrões voltados para o viver, bem como o desenvolvimento de aspectos sócio afetivos e de respeito à vida.

## 6. Referências bibliográficas

ARRUDA, A. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: **Angela Arruda e as representações sociais: estudos selecionados**. Sousa, C. P. de S. et. al. (Orgs). Curitiba: Champagnat. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014.

\_\_\_\_\_. Meandros da teoria: imagens afetos e outros. In: **V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais**. Brasília. 2007a

BRASIL. **Lei n. 11.343**, de 23 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm).

BRASIL. **Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD**. Política Nacional Antidrogas. Brasília. 2004.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo, Cultrix, 1996.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: Ciências para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

DOISE, W. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 1, p. 27-35, 2002.

FILHO, A. N. Porque os humanos usam drogas? In: **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais**. FILHO, A. N. et. al. (Orgs.) Salvador: EDUFBA, 2012.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**. JODELET, D. (Org.) Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, S. e BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Bauer, M. W e Gaskell, G. (Orgs.) Tradução de Pedrinho A. Guareschi – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MACHADO, L. B. Representações sociais: alguns apontamentos sobre a teoria e sua incursão no campo educacional. In: **Incursões e investigações em**





**representações sociais e educação.** MACHADO, L. B.(Org.) – Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

MAGULIS, L. e SAGAN, D. **O que é a vida?** Rio de Janeiro: Zahar. 2002.

MARGULIS, Lynn. **O que é vida?** Tradução, Vera Ribeiro; Revisão técnica [e apresentação], Francisco M. Salzano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MARQUES, A.C; CRUZ, M.S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22, São Paulo, 2000.

MARQUES, A. C. P. R; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, 2011.

MARQUES, Ana Cecília PettaRoselli; CRUZ, Marcelo S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2000; 22 (Supl II): 32-6.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

Organização das Nações Unidas (1988). **Convenção contra o tráfico ilícito de drogas narcóticas e substâncias psicotrópicas.** Disponível em: <http://www.unodc.org/>. Último acesso em: 15/12/2015.

RIBEIRO, M. L; ALMEIDA, E. C. S. As representações sociais de estudantes de pedagogia da UEFS sobre a vida. **Revista Pensamento Biocêntrico**, Pelotas, nº 5, jan-jun 2006.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. de S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. 10(3):707-717, 2005.

SILVA, K. L. daet. al. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. **Esc. Anna Nery** (impr.) 2010, jul-set; 14 (3):605-610. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n3/v14n3a24.pdf>. Acesso em 23/04/2020.

TORO, Rolando. **El Principio biocéntrico:** Nuevoparadigm para lãs ciências humanas. La vida como matriz cultural. Chile, Editorial Cuartopropio, 2014.



## Como citar este artigo:

MOREIRA, Jefferson da Silva; SILVA, Daniella Oliveira da. Drogas ilícitas como ameaça à vida: Perscrutando as representações de estudantes universitários. *Áskesis*, São Carlos - SP, v.8, n.2, p. 17 - 32, jul./dez.2019.

**ISSN: 2238-3069**

**DOI: <https://doi.org/10.46269/8219.400>**

Data de submissão do artigo: 29/02/2020

Data da decisão editorial: 13/07/2020